

## notas de leitura



HUBER, Michel (dir.), *L'histoire, indiscipline nouvelle*, Paris, Syros, 1984

JOÃO LUÍS LISBOA \*

Não será uma novidade editorial pois seis anos, nos nossos dias, é muito tempo. É contudo significativo o ter sido publicado já quando em França soava o alerta presidencial sobre a perda de referências históricas, alerta a que ainda se associou Fernand Braudel, como que estabelecendo que ensino e investigação são dois campos distintos. Tomemos este livro como provocação e o seu título como um possível equívoco. Na realidade, é de disciplina que se trata. De disciplina crítica e de disciplina de trabalho, para alunos e para professores de história. Porquê "disciplina" e porquê então "indisciplina"? "Indisciplina" porque todo esse trabalho parte de um pressuposto: a necessidade de caminhos abertos pelos próprios alunos. "Indisciplina" afinal porque se relatam experiências fora dos limites de um "discurso a adquirir", experiências onde, a par do desenvolvimento do espírito crítico e das capacidades de investigação próprias do aluno, se faz apelo à dimensão lúdica que a história pode (deve) ter em certos níveis etários (veja-se o que, a este respeito, escreveu Maria do Céu Roldão). "Disciplina" porque todo o livro nos fala de trabalho (individual e de grupo), de projectos, de inquéritos, de construções (filmes, textos, exposições, debates, jogos)

feitas na (e para) as aulas, por alunos adolescentes. "Disciplina" finalmente porque a perspectiva da formação do cidadão não está ausente. Neste caso, tal perspectiva não depende da reposição ou manutenção, no imaginário infantil, dos velhos mitos justificativos da (nossa/deles) existência colectiva (veja-se o que, a este respeito, escreveu Suzanne Citron) mas essencialmente pela aquisição de instrumentos de autonomia e de responsabilidade social. Disciplina, portanto.

Se não for visto como receituário, mas como relatório de um trabalho de equipa, resultado dos projectos do GFEN (Groupe Français d'Education Nouvelle), este livro continua a justificar, no panorama do recente ascenso editorial da didáctica da História entre nós, uma leitura com proveito.

A propósito do movimento editorial a que me refiro, aqui ficam algumas referências:

Suzanne Citron, *Ensinar a História Hoje. A memória perdida e reencontrada*, Lisboa, Horizonte, 1990 (ed. francesa, 1984).

John Chaffer e Lawrence Taylor, *A História e o professor de História*, Lisboa,

\* Docente da ESE de Beja

notas de leitura

Horizonte, 1990 (ed. inglesa 1975).

**Clemente Herrero Fabregat e Maria Herrero Fabregat**, *Como preparar um aula de História*, Porto, Asa, 1989 (ed. castelhana 1983).

**Maria Cândida Proença**, *Ensinar/Aprender História*. Questões de didác-

tica aplicada, Lisboa, Horizonte, 1990.

**Maria do Céu Roldão**, *A História no Ensino Preparatório*, Lisboa, Horizonte, 1987

**Maria do Céu Roldão**, *Gostar de História*. Um desafio pedagógico, Lisboa, Texto, 1987

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA  
 ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE BEJA  
 ENT. BIBL. N.º 194  
 DATA 08/02/2008